

# BRASÍLIA E CHANDIGARH: UTOPIA MODERNISTA E REALIDADE URBANA

## BRASILIA AND CHANDIGARH: MODERNISTA UTOPIA AND REALITY

ANNA CAROLINA GOUVEIA DIAS, MARIA CAROLINA DA SILVA SOUZA E PAULO HENRIQUE DE SOUSA MORAES SANTANA

**RESUMO:** O presente artigo analisa as cidades de Brasília, no Brasil, e Chandigarh, na Índia, ambas consideradas como ícones do urbanismo modernista no século XX. A partir de seus contextos históricos, diretrizes projetuais e princípios da Carta de Atenas, busca-se compreender como essas capitais planejadas se caracterizam como utopias urbanas e de que forma se confrontaram com a realidade social, cultural e econômica de seus respectivos países. São discutidos os aspectos da monumentalidade, da paisagem urbana e do legado, incluindo a percepção crítica sobre suas realizações e limitações. A pesquisa evidencia que, apesar das críticas, Brasília e Chandigarh permanecem como referências globais do urbanismo modernista.

**Palavras-chave:** Brasília; Chandigarh; urbanismo modernista; utopia urbana; planejamento urbano

**ABSTRACT:** This article examines the cities of Brasilia in Brazil and Chandigarh in India, both recognized as exemplars of twentieth-century modernist urbanism. Drawing on their historical contexts, design guidelines, and the principles of the Athens Charter, the study investigates how these planned capital cities are characterized as urban utopias and how they address the social, cultural, and economic realities of their respective countries. The analysis considers monumentality, urban layout, and legacy, as well as critical perspectives on their achievements and limitations. The findings indicate that, despite criticism, Brasilia and Chandigarh remain prominent global references for modernist urbanism.

**Keywords:** Brasilia; Chandigarh; modernist urbanism; urban utopia; urban planning;

## CONTEXTO HISTÓRICO

**As cidades de Brasília e Chandigarh representam dois dos maiores experimentos urbanísticos do século XX, concebidas como capitais planejadas e símbolos de seus respectivos contextos nacionais. Brasília, inaugurada em 1960, materializou o projeto político de interiorização do poder brasileiro e tornou-se um marco da arquitetura e do urbanismo modernista.**

Ambas as cidades foram profundamente influenciadas pela Carta de Atenas, contudo, os projetos também revelaram contradições: enquanto Brasília buscava integrar monumentalidade e vida cotidiana, Chandigarh priorizou a racionalidade funcional e a monumentalidade cívica isolada.





Figuras 1 e 2 - Oscar Niemeyer em frente a Catedral; Lucio Costa e Juscelino Kubitschek.

Fonte: Revista Casa e Jardim; Enciclopédia Itaú Cultural.

A construção de Brasília representou a materialização de um projeto político e cultural que marcou o Brasil na segunda metade do século XX. A ideia de transferir a capital para o interior já existia desde o período colonial, no entanto, foi somente no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) que a ideia pode ser concretizada.

Brasília não surge apenas como sede administrativa do país, mas também como expressão concreta das influências modernistas no Brasil. Entretanto, a utopia que anunciava integração e democratização acabou evidenciando contradições, como a segregação social, a elitização dos espaços e os obstáculos à plena apropriação da cidade por seus habitantes.

Por outro lado, Chandigarh surgiu durante um período de reconstrução nacional na Índia. O primeiro esboço urbano, idealizado por Albert Mayer e Matthew Nowicki, apresentava traços mais orgânicos. No entanto, após a morte de Nowicki, Le Corbusier revisou o projeto, adicionando o estilo do urbanismo modernista: setores interconectados, zonificação funcional e edifícios monumentais de concreto. Essa estrutura rígida comunicava uma sensação de ordem, eficiência e avanço. Dessa forma, Chandigarh deixou de ser apenas uma capital e se tornou um manifesto

político e arquitetônico, representando a soberania recém-conquistada e a renovação cultural da Índia independente.

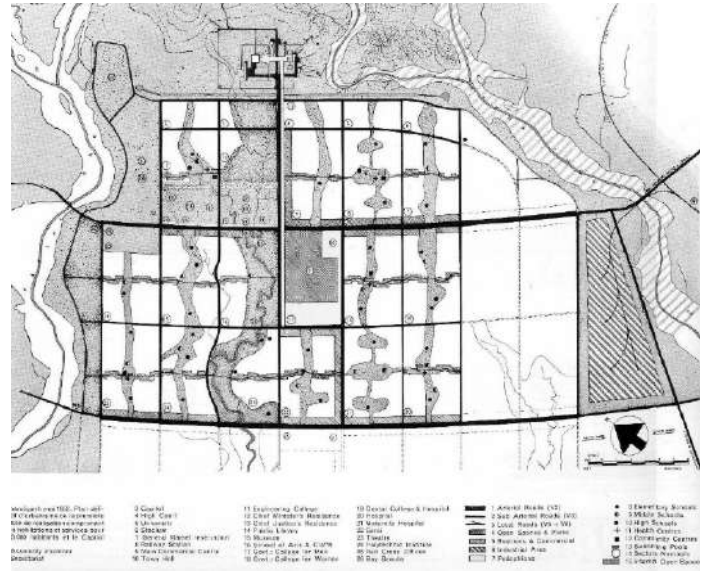


Figura 3 - Planta geral de Chandigarh. Fonte: LE CORBUSIER; JE-ANNERET, 1995, p. 122

## DIRETRIZES PROJETUAIS

**O concurso de 1957, que resultou no Plano Piloto, deu a Lúcio Costa a oportunidade de traduzir os ideais modernistas em desenho urbano. No relatório apresentado, o urbanista destacou o cruzamento de dois eixos principais: o Eixo Monumental, voltado às funções cívico-administrativas, e o Eixo Rodoviário-Residencial, de traçado mais orgânico, que estruturava as áreas habitacionais.**

A cidade foi organizada em setores especializados — cívico, residencial, cultural e industrial — seguindo a lógica da clareza e da funcionalidade. As superquadras, concebidas como células de moradia, reuniam edifícios sobre pilotis, amplos espaços verdes e serviços locais, favorecendo a convivência e a escala humana. A mobilidade, entretanto, foi pensada sobretudo em função do automóvel, com uma rede viária hierarquizada que separava fluxos de longa distância, coletivos e locais. Ainda assim, foram previstos espaços de circulação para pedestres, em ten-

tativa de equilibrar eficiência e sociabilidade.

No caso de Chandigarh, a equipe mandatária, colocada pelo primeiro-ministro da Índia na época, Jawaharlal Nehru, do projeto da cidade, foi composta pelo arquiteto estadunidense Albert Mayer e seu colaborador Matthew Nowicki. Porém, devido ao falecimento repentino decorrente de um acidente em agosto de 1950 de Nowicki, Mayer se retirou do projeto, e em 1951, Le Corbusier foi contratado junto com a sua equipe, Jane Drew, Maxwell Fry e Pierre Jeanneret.

O desenho da cidade é desenvolvido numa malha ortogonal, sendo organizada em setores que funcionam como unidades autônomas de vizinhança. Cada setor mede aproximadamente 800 x 1200 metros, abrigando em média 5.000 a 20.000 habitantes. Em cada setor segue-se o princípio da funcionalidade, estabelecido pela Carta de Atenas: **habitar, trabalhar, circular e recrear**. Com isso, cada setor possui unidades habitacionais, escolas, áreas de comércio local, áreas verdes e de lazer. Além disso, há áreas distintas como administrativo e cívico.

Um dos poucos aspectos do projeto anterior que foram aproveitados foi o conceito de cidade-jardim, trazendo uma forte presença de áreas verdes por meio de parques lineares, cinturões verdes e espaços recreativos. A integração da natureza com a malha urbana foi um dos elementos estruturadores do projeto.

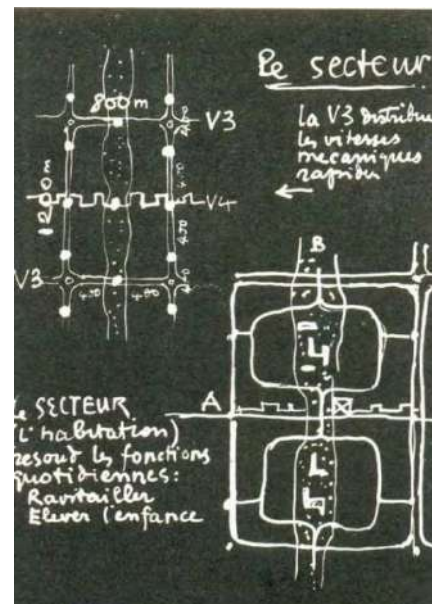
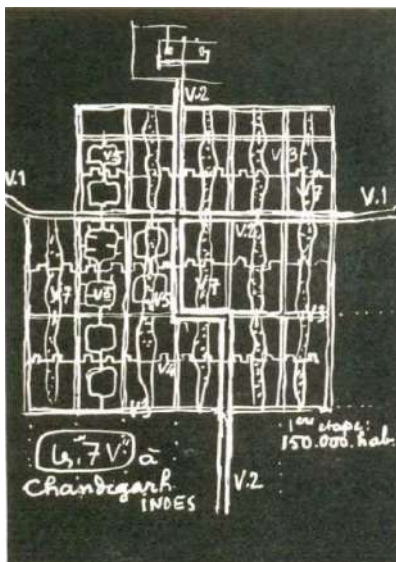


Figura 4 - Croquis de Le Corbusier representando os “7 Vs”. Fonte: GOROVITZ, 1985, p. 18

Le Corbusier estabeleceu uma hierarquia rígida das vias as nomeando como **7 Vs**, classificadas das mais rápidas às mais lentas. Sendo dividido assim: **V1** - a estrada nacional que parte de Delhi e que acessa a cidade; **V2** - vias de ligação às diferentes partes da cidade, via mais importante que entra tanto pela esquerda pela direita até o eixo vertical que leva até o Capitólio; **V3** - avenidas de setor a setor, sugeridas pela equipe como vias de trânsito rápido; **V4** - ruas de comércio; **V5** - ruas de acesso às residências; **V6** - ruas internas da vizinhança; **V7** - caminhos de pedestres e ciclovias; (LE CORBUSIER; JEANNERET, 1995, p. 116)

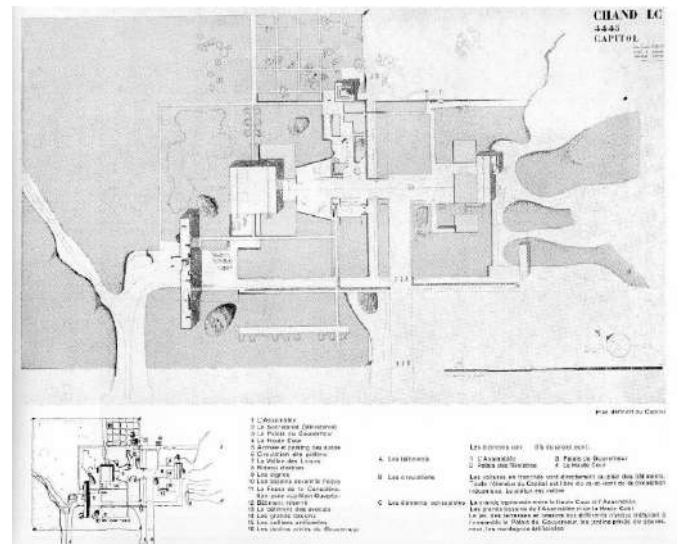


Figura 5 - Planta geral do Capitólio. Fonte: LE CORBUSIER; JEAN-

NERET, 1995, p. 123.

Destaca-se o Centro Cívico, também chamado de Capitólio, localizado ao norte da cidade, que representa a monumentalidade por meio dos principais edifícios governamentais: Assembleia Legislativa, Tribunal Superior, Secretariado e o Monumento da Mão Aberta. O Palácio do Governador, o quarto edifício, não chegou a ser construído. Os edifícios destacam-se com o uso do concreto aparente, formas escultóricas e plásticas reafirmando a busca de uma identidade moderna para uma Índia recém-independente.

## MONUMENTALIDADE

**A monumentalidade é um aspecto essencial para a compreensão de ambas as cidades, pois, sendo capitais políticas dos seus respectivos países, é fator primordial para a identidade de uma capital. Gorovitz destaca que “em Brasília, o centro cívico é um dos elementos fundamentais na definição do desenho.” (GOROVITZ, 1985, p. 25), conforme discorre Lucio Costa diz em Gorovitz:” (GOROVITZ, 1985, p. 25).**

O monumento, no caso de uma capital, não é coisa oposta, que se possa deixar para depois (...). O monumento, ali, é próprio da coisa em si e, ao contrário da cidade alheia que se deseja inscrita discretamente na paisagem, a cidade-capital deve impor-se e comandá-la. (Lucio Costa apud GOROVITZ, 1985, p. 25)

O Capitólio de Chandigarh é um setor à parte da malha ortogonal, um ponto focal da cidade. Segundo a análise de Gorovitz (GOROVITZ, 1985, p. 30), em seu croquis, Le Corbusier representava o Capitólio em contraponto com a paisagem montanhosa. Isso demonstra que nunca houve uma preocupação em integrar o centro cívico ao tecido urbano e “o projeto nunca se postulou como resolução da cidade enquanto cidade-capital”.

Em Brasília, destacam-se os seguintes edifícios, todos projetados por Oscar Niemeyer:

## CONGRESSO NACIONAL



Figura 6 - Parte frontal do Congresso Nacional. Fonte: DOUGLASS-JAIMES, 2023, online.

**O Congresso Nacional representa o poder legislativo e localiza-se no Eixo Monumental, em um dos “vértices” da Praça dos Três Poderes. Destaca-se como o edifício mais sóbrio dentre os edifícios componentes à praça cívica e “reflete a forte influência de Le Corbusier, ao mesmo tempo que insinua as formas mais românticas e caprichosas que caracterizam o modernismo brasileiro de Niemeyer” (DOUGLASS-JAIMES, 2023). Tais formas são representadas pelas cúpulas em formato de “tigela” – a Câmara e o Senado Federal – os edifícios anexos (duas torres) e a plataforma posicionada abaixo do nível das vias.**

## PALÁCIO DA ALVORADA



Figura 7 - Fachada frontal do Palácio do Alvorada. Fonte: FRACALLOSSI, 2015, online.

**Residência oficial da presidência da República, combina leveza formal e monumentalidade simbólica, reforçando a integração entre arquitetura e natureza. (COSTA, 1960). Por mais que seja uma das obras menos acessíveis de Niemeyer, o edifício é um dos mais simbólicos de Brasília por conta do seu pilar “simétrico formado por quatro curvas e uma interseção perpendicular de eixos” (FRACALLOSSI, 2015, online). Tal elemento se tornaria símbolo da capital federal presente no brasão de armas e foi “transmutado inúmeros vezes, originaram-se muitas outras obras (de arquitetura, mobiliário e objetos): uma mesma forma utilizada em todas suas variações, materiais e contextos.” (FRACALLOSSI, 2015, online)**

## CATEDRAL METROPOLITANA DE BRASÍLIA



Figura 8 - Catedral. Fonte: FRACALLOSSI, 2013, online.

**Integrante da Esplanada dos Ministérios, a Catedral é disposta num ponto lateral no início da esplanada que demonstra a ideia da Igreja ser separada do Estado, cuja forma escultural sintetiza a dimensão espiritual e artística do modernismo brasileiro (GOROVITZ, 2020).**

Em Chandigarh, o Capitólio evidencia a monumentalidade do conjunto urbano, em que três edifícios:

## ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



Figura 9 - Fachada lateral da Assembleia Legislativa. Fonte: FRACALLOSSI, 2013, online.

A fachada da entrada do palácio do legislativo é destacada pelos grandes pilares que sustentam a laje escultórica. “A estrutura reticulada ortogonal e homogênea marcam as laterais da obra: brises horizontais e verticais dispostas diagonalmente.” (FRACALOSSI, 2013, online). Segundo Corbusier, é um imponente bloco de concreto com formas escultóricas que simboliza o poder democrático (LE CORBUSIER, 1987).

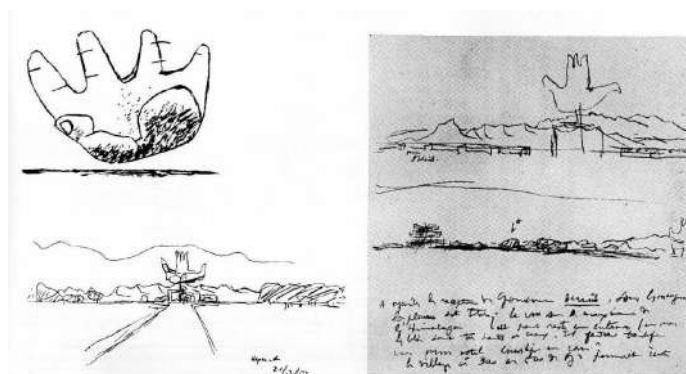
## SECRETARIADO



Figura 10 - Fachada do Secretariado. Fonte: HOLANDA, 2012, online.

Apesar da sua extensão, o edifício possui uma série de projeções e reentrâncias atuando potencializadores da iluminação natural e ventilação cruzada. Holanda resume o Secretariado como “uma forma simples e convencional onde as variações da estrutura e sua distribuição interna não interrompem o seu volume compacto, mas que são reproduzidas bidimensionalmente no elaborado design dos brise-soleil.” (HOLANDA, 2012, online)

## MONUMENTO DA MÃO ABERTA



Figuras 11 e 12 - Monumento da Mão Aberta e croquis do Le Corbusier do monumento.

Fontes: Archdaily; LE CORBUSIER, JEANNERET, 1995, p.155

Esse símbolo é resultado de um conjunto de reflexões de Le Corbusier acerca de angústia e desarmonia que separavam a humanidade (LE CORBUSIER, JEANNERET, 1995, p.155). A ideia principal dele decorre de seu lema, que assume a sua dimensão fraterna e universal: “Pleine main j’ai reçu, Pleine main je donne” (Mão cheia recebi, Mão cheia dou). (FONDATION LE CORBUSIER) Ao perguntarem a Le Corbusier se tinham um monumento em mente para a capital ele respondeu que: “Sim, certamente, aqui é localizado no ponto mais alto da cidade, uma mão aberta com o fundo voltado para o Himalaia”. (LE CORBUSIER, JEANNERET, 1995, p.155)

Enquanto Brasília associa monumentalidade à plasticidade escultórica e à integração com a paisagem, Chandigarh apresenta uma monumentalidade mais austera e brutalista, reforçada pelo uso do concreto aparente.

## TRAÇADO URBANO

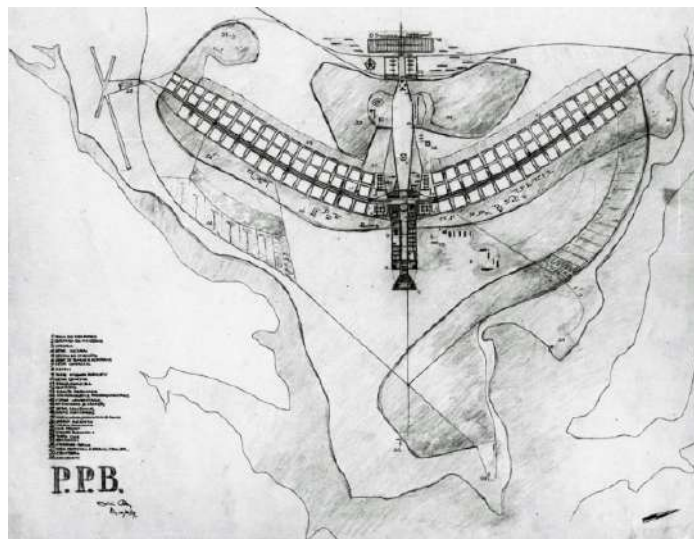


Figura 13 - Planta geral do Plano Piloto. Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL; DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 42,43.

**Em Brasília, o Plano Piloto foi implantado sobre o planalto central, em um vasto terreno livre, o que permitiu a realização do desenho simbólico em forma de pássaro. A integração entre áreas verdes e superquadras, inserido no eixo rodoviário-residencial, revela um urbanismo que valoriza a escala monumental sem perder o contato com a paisagem do cerrado (COSTA, 1960; HOLSTON, 1989).**



Figura 14 - Planta geral de Chandigarh. Fonte: LE CORBUSIER, JE-

ANNERET, 1995, p. 117.

Já Chandigarh foi construída ao norte da Índia, em área plana próxima ao Himalaia, organizada a partir de uma malha ortogonal rígida em setores. O terreno foi essencial para a aplicação literal dos princípios da Carta de Atenas, permitindo a setorização funcional e a hierarquia viária dos “7 Vs” (LE CORBUSIER, 1987). Como destaca Oliveira (2018), a paisagem é incorporada de modo funcional, por meio de cinturões verdes e parques lineares, reforçando a racionalidade e o controle sobre o espaço urbano.

Segundo Holston (1989), Brasília permanece como um marco do urbanismo modernista, mas também como exemplo das contradições sociais geradas por projetos utópicos: “a cidade modernista produziu desigualdades que contrastam com sua proposta de igualdade urbana”. Em Chandigarh, Oliveira (2018) aponta que, embora a cidade não tenha atingido plenamente os objetivos sociais, ela consolidou-se como ícone arquitetônico, sendo o complexo do Capitólio, dentro da lista da obra arquitetônica de Le Corbusier, uma contribuição excepcional para o movimento moderno reconhecido em 2016 pela UNESCO como patrimônio mundial: “o legado de Chandigarh não está na vida cotidiana de seus habitantes, mas na imagem internacional da cidade como símbolo da modernidade indiana”. Banerjee e Soja (2014) reforçam esse ponto ao afirmar que a cidade, apesar das críticas locais, “continua a ser celebrada como paradigma do urbanismo do século XX”. Enquanto Brasília representa a adaptação simbólica do urbanismo modernista ao território brasileiro, Chandigarh materializa a aplicação racional e geométrica dos princípios modernistas em sua forma mais ortodoxa.

## FALHA DAS UTOPIAS MODERNISTAS: E UM BREVE OLHAR CONTEMPORÂNEO DAS CIDADES

**Tanto Brasília quanto Chandigarh revelam as li-**

**limitações das utopias modernistas quando confrontadas com a realidade. Em Brasília, a monumentalidade do Plano Piloto e a rígida setorização favoreceram o uso do automóvel em detrimento do pedestre, criando percursos longos e pouco acessíveis. As superquadras, pensadas como espaços de convivência democrática, tornaram-se áreas elitizadas, acessíveis a uma minoria.**

Chandigarh, de forma semelhante, expressa a racionalidade modernista em uma retícula precisa e na separação rigorosa de funções. Essa clareza formal garante ordem, mas limita a apropriação espontânea da cidade e impõe deslocamentos extensos.

Outro fator crítico é o atual estado de ocupação de Brasília e Chandigarh de que ambas as cidades não cumpriram integralmente os objetivos iniciais de ordenamento populacional e territorial.

O Plano Piloto de Brasília foi projetado para abrigar de forma equilibrada moradia, trabalho e serviços, para evitar grandes deslocamentos urbanos. No entanto, sua população atual é relativamente pequena frente ao crescimento do Distrito Federal. Dados do Censo de 2022 afirmam que o Distrito Federal possui 2.817.381 habitantes, mas apenas 198.697 residem no Plano Piloto (CITYPOPULATION, 2022). A densidade populacional é de cerca de 476 habitantes por km<sup>2</sup> (PODER360, 2023), número baixo para um centro político-administrativo e urbano nacional. A consequência é a forte mobilidade pendular, com longos deslocamentos diários entre periferias (cidades-satélite e entorno) e centro. A crítica recorrente à baixa oferta de moradia acessível próximas à região central de Brasília reforça o aspecto segregador da capital federal.

O Plano Piloto nunca abrigou o grosso da população do DF: a maior parte dos moradores vive nas cidades-satélites ou regiões administrativas periféricas. O centro planejado, mais valorizado, foi limitado por restrições urbanísticas e ambientais, impedindo sua expansão densificadora (IPE-DF, 2023, s/p).

Chandigarh, por sua vez, foi concebida para abrigar cerca de 500.000 habitantes. Contudo, sua população atual é estimada em 1,4 milhão de habitantes, quase o triplo do previsto (CENSUS 2011, 2025). Essa condição gerou problemas de infraestrutura, principalmente no sistema viário. Conforme relatório governamental, “Chandigarh ultrapassou em muito a população para a qual foi originalmente dimensionada. Projetada para meio milhão, atualmente conta com mais de 1,4 milhão de habitantes, o que sobrecarrega serviços, habitação e mobilidade” (CHANDIGARH ENVIS, 2020, p. 12).

O aumento exponencial da frota de veículos acentua esse quadro. Em 2023, a cidade possuía mais veículos registrados do que habitantes, cenário que compromete a fluidez do traçado viário concebido por Le Corbusier (DOWN TO EARTH, 2023).

O sonho de uma cidade organizada pela setorização e pelas amplas avenidas enfrenta, hoje, congestionamentos e uso intensivo do automóvel, mostrando a inadequação da utopia modernista frente à realidade social e demográfica da Índia (BANERJEE; SOJA, 2014, p. 102).

Essas contradições mostram que, ao priorizar clareza, monumentalidade e eficiência, o urbanismo modernista deixou de lado aspectos fundamentais da vida urbana, como diversidade social, acessibilidade e uso comunitário dos espaços. Brasília e Chandigarh permanecem como ícones da arquitetura e do urbanismo do século XX, mas também como testemunhos das tensões entre o ideal racionalista e as necessidades concretas dos habitantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A análise comparativa entre Brasília e Chandigarh pontua tanto a ambição quanto às limitações do urbanismo modernista. Ambas foram consideradas como utopias espaciais, capazes de reorganizar a vida social a partir de princípios racionais, funcionais e estéticos. No entanto, a realidade**

**demonstrou que os projetos, apesar de sua excelência formal, não conseguiram eliminar desigualdades sociais nem atender plenamente às complexidades da vida urbana.**

Em Brasília, o contraste entre o Plano Piloto e as cidades-satélites exemplifica a distância entre o ideal de igualdade e a prática de segregação socioespacial (HOLSTON, 1989). Em Chandigarh, o isolamento do Capitólio e a rigidez da malha funcional limitam a vitalidade urbana, transformando a cidade em mais um símbolo internacional do modernismo do que em um espaço integrado à vida cotidiana (OLIVEIRA, 2018; BANERJEE; SOJA, 2014).

Apesar dessas críticas, ambas as cidades consolidaram-se como referências globais. Brasília, reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO (1987), permanece como obra de arte total, síntese do modernismo brasileiro (GOROVITZ, 2020). Chandigarh, igualmente reconhecida como patrimônio, tornou-se paradigma da modernidade urbana no contexto pós-colonial indiano (LE CORBUSIER, 1987).

Portanto, Brasília e Chandigarh não apenas exemplificam os ideais modernistas, mas também revelam suas contradições, permanecendo fundamentais para o debate contemporâneo sobre planejamento urbano, identidade cultural e a relação entre utopia e realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANERJEE, Tridib; SOJA, Edward. *Urbanization and the Modern City: Chandigarh and Beyond*. London: Routledge, 2014.

CHING, Francis D. K.; JODIDIO, Philip. *Architecture: Form, Space, and Order*. New York: Van Nostrand Reinhold, 2014.

CIAM. *La Charte d'Athènes*. Paris: Éditions de Minuit, 1943.

COSTA, Lúcio. *Brasília: planejamento e projeto da nova capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1960.

GOROVITZ, Matheus. *Brasília, uma questão de escala*. São Paulo, 1985.

GOROVITZ, Matheus. Brasília: considerações sobre a cidade enquanto obra de arte. *Revista Projeto*. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/brasil-consideracoes-sobre-a-cidade-enquanto-obra-de-arte-por-matheus-gorovitz/>. Acesso em: 22 set. 2025.

HOLSTON, James. *The Modernist City: An Anthropological Critique of Brasília*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil).

Superintendência do IPHAN no Distrito Federal; DISTRITO FEDERAL (Brasil). Secretaria de Estado de Cultura. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. 4. ed. Brasília: IPHAN-DF, 2018.

JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House, 1961.

LE CORBUSIER. *The City of Chandigarh*. In: *The City of Tomorrow and its Planning*. New York: Dover Publications, 1987.

LE CORBUSIER; JEANNERET, Pierre. *Œuvre complète*:

1946–1952. 8. ed. Zurique: Birkhäuser, 1995. v. 5.

MORAES, Flávia. *Urbanismo Moderno e Sociedade: a experiência de Brasília*. São Paulo: Annablume, 2005.

OLIVEIRA, Marília. Chandigarh e a cidade moderna: planejamento, estética e sociedade. *Revista Brasileira de Urbanismo*, v. 14, n. 2, 2018.

UNESCO. *Brasília: Plano Piloto da Capital. Patrimônio Mundial*. Paris, 1987. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/445/>. Acesso em: 22 set. 2025.

Sites pesquisados:

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2022 – População do Distrito Federal*. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/populacao-do-df-aumenta-425-em-12-anos-diz-pesquisador-do-censo-2022>. Acesso em: 23 set. 2025.

DOUGLASS-JAIMES, David. *Clássicos da Arquitetura: Congresso Nacional / Oscar Niemeyer*. ArchDaily Brasil, 09 jan. 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/803043/classicos-da-arquitetura-congresso-nacional-oscar-niemeyer>. Acesso em: 29 set. 2025.

DOWN TO EARTH. *How India Moves: In Chandigarh More Vehicles than People Undermine a Visionary Design*. 2023. Disponível em: <https://www.downtoearth.org.in/air/how-india-moves-in-chandigarh-more-vehicles-than-people-undermine-a-visionary-design>. Acesso em: 23 set. 2025.

FONDATION LE CORBUSIER. *Corbusean vocabulary*. Thematic folders. Fondation Le Corbusier. Disponível em: <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/thematic-folder/corbusean-vocabulary/>. Acesso em: 28 set. 2025.

FRACALLOSSI, Igor. *Clássicos da Arquitetura: Palácio da Assembléia / Le Corbusier*. ArchDaily Brasil, 20 jun. 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-111046/classicos-da-arquitetura-palacio-da-assembleia-sl-ash-le-corbusier>. Acesso em: 28 set. 2025.

FRACALLOSSI, Igor. *Clássicos da Arquitetura: Catedral de Brasília / Oscar Niemeyer*. ArchDaily Brasil, 22 jun. 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-14553/classicos-da-arquitetura-catedral-de-brasilia-oscar-niemeyer/>. Acesso em: 29 set. 2025.

HOLANDA, Marina de. *Clássicos da Arquitetura: Secretariado de Chandigarh / Le Corbusier*. ArchDaily Brasil, 06 out. 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-74349/classicos-da-arquitetura-secretariado-de-chandigarh-le-corbusier>. Acesso em: 22 set. 2025.

FRACALLOSSI, Igor. *O Palácio da Alvorada nas lentes de Joana França*. ArchDaily Brasil, 25 nov. 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/777831/o-palacio-da-alvorada-nas-lentes-de-joana-franca>. Acesso em: 29 set. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL (IPE-DF). *Plano Piloto: uma região completa*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/w/plano-piloto-uma-regiao-completa>. Acesso em: 23 set. 2025.

PODER360. *Plano Piloto tem 476 moradores por km<sup>2</sup>*. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/plano-piloto-tem-476-moradores-por-km%C2%B2/>. Acesso em: 23 set. 2025.